

Artigos teóricos

O sujeito e as linguagens pesqueiras: significação cultural da pesca artesanal amazônica paraense

The individual and fishing languages: cultural signification of artisanal fishing in the Pará Amazon

Joana d’Arc Vasconcelos Neves^{1*} , Ewely Wenly de Sousa e Sousa^{1*} ¹Universidade Federal do Pará (UFPA), Programa de Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), Bragança, PA, Brasil

Contribuiu igualmente

COMO CITAR: NEVES, J. D. V.; SOUSA, E. W. S. **O sujeito e as linguagens pesqueiras:** Significação cultural da pesca artesanal amazônica paraense. *Revista IberoAmericana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 19, esp. 3, e19481, 2024. eISSN: 19825587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.1948101>

Resumo

Nos territórios amazônicos, existem linguagens únicas entre os sujeitos, perpassadas pelas realidades e seu conhecimento tradicional que, para Silva e Sousa (2017), representam diferentes formas de significações culturais das realidades vividas nos campos nas águas e florestas. As práticas culturais pesqueiras carregam a bagagem cultural e social de cada grupo; na linguagem pesqueira, os sujeitos falam a partir do grupo pertencente, suas significações representam a identidade sociocultural dos sujeitos (Silva, 2009). A relação de nomeação na pesca aos recursos naturais pelas comunidades pesqueiras transcende ao valor econômico; representa apropriação cultural, simbólica e, principalmente, linguística, constituída a partir da pesca local (Gusmão, 2012). Assim, o objetivo principal da pesquisa é a identificação dos processos de significação linguística do conhecimento pesqueiro atribuída aos artefatos e práticas tradicionais da pesca. A pesquisa é bibliográfica, do tipo estado da Arte, mapeando produções acadêmicas da Amazônia Paraense no Banco de Dissertações e Teses da Capes. Os resultados apontam, para processos de significações singulares construídos a partir trocas de saberes e práticas produtivas pesqueira amazônica dão sentido aos seus modos de vida e sua cultura.

Palavras-chave: significação; linguagem; pescador; práticas.

Abstract

In the Amazon territories, there are unique languages among the subjects, permeated by the realities and their traditional knowledge that, for Silva and Sousa (2017), represent different forms of cultural significations of the realities experienced in the fields, waters and forests. Fishing cultural practices carry the cultural and social baggage of each group; in fishing language, the subjects speak from the group they belong to, and their meanings represent the sociocultural identity of the individuals (Silva, 2009). The naming relationship in fishing practices by these communities transcends economic value; it represents cultural, symbolic and, mainly, linguistic appropriation, constituted from the local fishing (Gusmão, 2012). Thus, the main objective of this research was to identify the processes of linguistic meaning of fishing knowledge attributed to traditional fishing artifacts and practices. The research is bibliographic, of the state of the art type, mapping academic productions of the Pará Amazon in the Capes Dissertation and Thesis Bank (BDTD). The results point to processes of singular meanings constructed from exchanges of knowledge and productive practices in Amazonian fishing that give meaning to their ways of life and culture.

Keywords: meaning; language; fisherman; practices.

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre a importância dos territórios amazônicos como espaço de lutas e afirmações diversas. Sua exuberante biodiversidade e vastidão de recursos naturais, habitada por populações em íntima e complexa relação anunciadas em poesia e versos (“esse rio é minha rua, minha e tua mururé”) (inúmeras plantas aquáticas amazônicas”) revelam esse compartilhamento entre o humano e não humano. Para os amazônicos, a água é mais do que

***Autor correspondente:**

jdneves@ufpa.br,
ewelysousa@gmail.com

Submetido: Julho 12, 2024

Revisado: Agosto 23, 2024

Aprovado: Outubro 15, 2024

Fonte de financiamento: PROCAD-

Amazonia Projeto Projeto-
88881.599336/2021-01- CAPES,
Edital 21/2018 – Programa Nacional de
Cooperação Acadêmica na Amazônia.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética: não se aplica.

Disponibilidade de dados e materiais:

Sim existe, materiais que embasaram metodologicamente o trabalho. Podem ser encontrados nos bancos de Teses e Dissertações da CAPES. Trabalho realizado na Instituição (UFPA), Bragança, PA, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

um recurso natural; ela é a espinha dorsal da vida. Os rios são estradas líquidas que conectam as mais distantes comunidades, permitindo o transporte de humanos, alimentos e mercadorias. As diversas culturas indígenas, ribeirinhas e urbanas da Amazônia desenvolveram, ao longo de milênios, profunda conexão com ecossistemas aquáticos, entrelaçando seus modos de vidas de maneiras multifacetadas. São povos do mangue, povos das florestas, povos ribeiras, povos pescadores, povos marisqueiros, simbolicamente representados em muitos dos territórios Amazônicos como “povos das águas”, em virtude de sua estreita dependência com as marés, lagos, rios e igarapés que constituem a Amazônia, configurando diferentes culturas [...] Assim, sobre “os aspectos socioculturais dos residentes das margens dos rios, devemos entender a especificidade desse povo. Ressalto que a busca pela sobrevivência e transcendência são causas que os levam a construir sua identidade de organização com o meio e de desenvolvimento local” (Oliveira, 2012, p. 88).

Em culturas diversas, a pesca nos rios amazônicos é uma fonte vital de proteína - peixes, caranguejos, camarão, turu, sururu – para muitas populações locais, constituindo uma parte essencial de sua alimentação e, em muitos territórios, a pesca é regulamentada pelo direito consuetudinário (costumes que são reconhecidos e partilhados coletivamente por uma comunidade, por um povo, grupo étnico ou religioso). Ressalta-se que mesmo em épocas mais remotas, há cerca de oito mil anos, quando a região era explorada apenas pelos indígenas, os peixes já se constituíam em recursos naturais importantes para a manutenção das populações humanas (Meggers, 1977; Roosevelt *et al.*, 1991).

Estudos nas territorialidades amazônicas para autores como Diegues (2004) afirmam que a pesca traduz significados diversos, constituída pela maior ou menor disponibilidade dessa atividade e da própria água e pelas tradições históricas construídas. Compreender os processos de significação das pescas nos territórios amazônicos requer dos pesquisadores o exercício de articular a atividade produtiva da pesca como prática cultural, constituída em processos de afirmações sociais e linguísticas (Araújo, 2020). Isso implica compreender o sistema linguístico da pesca artesanal amazônica em múltiplos contextos que demarcam e compõem a significação desta prática não apenas como produtiva, mas também como prática cultural, como descreve Kristeva (1988, p. 15), “O homem como a linguagem, a linguagem no lugar do homem, será gesto desmistificador por excelência, que introduz a ciência na zona complexa e imprecisa do humano, no ponto onde se instalam (habitualmente) as ideologias e as religiões”.

Demarca-se aqui a linguagem como uma importante ferramenta do conhecimento do sujeito Amazônico, na medida em que ela pode edificar, significar e comunicar essas diferentes formas de se relacionar com a pesca e de ser amazônico. Logo, adota-se o campo teórico de que a linguagem constituída nas diferentes atividades, no caso deste estudo a pesqueira, transmite uma visão de mundo e se torna um dos elementos constituidores da identidade amazônica. Para Diegues (2004), o pescador amazônico tem uma linguagem própria na pesca artesanal a partir do processo de significação linguística, os grupos pesqueiros demarcam suas especificidades e modos de vida por meio de seus conhecimentos advindos de crenças atribuídas por eles. Corroborando com este pensamento, Moraes (2011), em seus estudos, destaca que a relação dos pescadores com a natureza não se resume ao caráter econômico ou somente a uma prática produtiva, mas é atravessada por processos de significação linguística das práticas culturais e produtivas atribuídas aos artefatos e aos conhecimentos tradicionais da pesca (Moraes, 2011).

Assim, partindo do entendimento de que a linguagem pesqueira os sujeitos que as pronunciam não falam por si próprios, mas a partir do grupo que pertencem (Kristeva, 1988), tal fator representa a identidade sociocultural do sujeito, carregada da bagagem cultural e social de prática pesqueira que pratica. Nessa ótica, questionamo-nos: como pesquisadores amazônicos estabelecem relações entre a linguagem e a prática da pesca tradicional? Que processos de significação da pesca artesanal amazônica podem ser extraídos de seus estudos? Como são estabelecidas as relações entre as nomeações dos artefatos e técnicas pesqueiras e as práticas culturais linguísticas da pesca artesanal amazônica e a significação?

No intuito de responder esses questionamentos, objetivamos: analisar as produções bibliográficas da Amazônia Paraense visando compreender como as linguagens atravessam os estudos sobre a pesca artesanal no período 2011 a 2024 no banco de dados de teses e dissertações- BDTD/ CAPES. A opção pelos estudos do estado da arte do tipo bibliográfico se justifica por sistematizar conhecimentos, movida pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar

o que ainda não foi feito, de compreender como esse campo de pesquisa tem se constituído, por ser uma opção metodológica que permite o levantamento do conjunto de informações e resultados já obtidos, sistematização que possibilita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas e vieses presentes neste campo de estudo.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, este estudo é de caráter bibliográfico, do tipo estado da Arte, no qual se busca mapear e refletir determinadas produções acadêmicas e científicas sobre Linguagem e pesca artesanal, para compreensão das dimensões, formas e discussões sob as quais foram utilizadas pelos pesquisadores (Ferreira, 2002).

Dessa forma, considerando o alcance das pesquisas do “estado da arte”, organizou-se este estudo a partir dos seguintes objetivos: analisar as produções bibliográficas da Amazônia Paraense visando compreender como as linguagens atravessam os estudos sobre a pesca artesanal no período 2011 a 2024 no banco de dados de teses e dissertações- BDTD/CAPES. Como objetivos específicos, tem-se: a) categorizar os processos de significações da pesca artesanal; e b) diagnosticar, a partir da linguagem do pescador, as nomeações e significações dos artefatos da pesca e técnicas pesqueiras.

Para atender os objetivos propostos, este estudo foi realizado no ano de 2024, com recorte temporal de 2011-2024 no Banco de Dissertações e Teses da Capes. No processo de identificação das teses e dissertações para composição do corpus de análise, foram utilizados três descritores: Pesca artesanal, Linguagens Amazônicas, Saberes da pesca amazônica. No primeiro momento, buscou-se registros, de forma exploratória, no banco de teses e dissertações, a partir dos descritores “Pesca artesanal” e, em seguida, foi realizada, individualmente, em cada dissertação, a busca do descritor “linguagens amazônicas” e “saberes da pesca amazônica”.

Ressalta-se que o levantamento, em cada dissertação, foi subsidiado pela análise do discurso com base no dialogismo discursivo de Bakhtin (2011), ou seja, foram considerados a partir do gênero do discurso que configuram as teses e dissertações e os seus elementos constituintes: título; resumo e palavras-chave, identificando, no conteúdo temático, a existência de interlocuções ao campo da Pesca artesanal e as linguagens e saberes da pesca Amazônica, viabilizando as subáreas estudadas. Esse processo de cruzamento dos descritores levou a um recorte do corpus de análise para 1 Tese e 4 Dissertação dos autores organizadas no **Quadro 1**.

Quadro 1. Tese e Dissertações Amazônicas.

AUTOR E ANO	TÍTULO
Gusmão (2012)	GUSMÃO, E. A. Estudo lexical do patrimônio linguístico-cultural de Curuçá-Pa: vocábulos de pesca. 2012. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2012.
Corrêa (2020)	CORREA, E. A. Às margens da cidade: trajetórias, possibilidades e práticas de educação ambiental geradas pela Casa Escola da Pesca em Belém-PA. 2020. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.
Oliveira (2012)	OLIVEIRA, J. S. B. Alfabetização matemática no contexto ribeirinho: um olhar sobre as classes multisseriadas da realidade amazônica. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Bélem, 2012.
Morais (2011)	MORAIS, R. P. Rituais Nominativos: uma viagem pelos motivos e sentidos que emergem dos nomes dos barcos dos ribeirinhos. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.
Soares (2017)	SOARES, J. L. Os termos da pesca na vila dos pescadores de Ajuruteua (Bragança-PA): uma abordagem socioterminológica. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2017.

Fonte: Autoras, 2024

Identificados os trabalhos que compuseram o corpus desta pesquisa (Quadro 1), realizou-se a análise qualitativa-reflexões das formas pelas quais os autores da Tese e das Dissertações teceram a interlocução entre a pesca artesanal e a linguagem, com base no princípio dialógico de Bakhtin (1988). Nesse processo, foram extraídas as ideias centrais que se configuram como elo na análise e, como tal, foram compreendidas como uma abstração, um recorte do real, possibilitando, dessa forma, identificar as reflexões e articulações da pesca artesanal amazônica ao campo da linguagem nas Dissertações e Teses de pesquisadores Amazônicos a partir de duas perspectivas de abordagens: 1) Processos de significações dos saberes da pesca artesanal amazônica, 1.1 Pescadores e os conhecimentos empíricos, 1.2 O processo de significação da pesca artesanal a partir da relação com a natureza, e 1.3 a produção de conhecimentos a partir do compartilhamento no grupo social; 2) Entre saberes e dizeres: as formas de se constituir pescador amazônico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Processo de significação dos saberes da pesca artesanal Amazônica

A linguagem expressa conhecimento e é considerada matéria do pensamento e elemento de comunicação. As produções analisadas pronunciam conhecimentos linguísticos diversos do universo pesqueiro. As significações sociais e culturais nas produções não são influenciadas pela perspectiva individual, mas sim pelo coletivo (Kristeva, 1988).

[...] os aspectos lexicais de uma comunidade guardam parte do patrimônio imaterial e histórico da sociedade; a partir do estudo de sua materialidade linguística, é possível identificar traços da memória, dos valores, dos costumes e da vivência de grupos de falantes de comunidades nem sempre conhecidas por grande parte da sociedade. (Gusmão, 2012, p. 20).

Para os pesquisadores das quatro Dissertações e da Tese estudada, os sujeitos pescadores da região amazônica são categorizados por meio de seus saberes, o que permite reafirmar as diversidades linguísticas da pesca artesanal amazônica a partir de três focos: a) O pescador e o conhecimento empírico; b) Processos de significações da pesca artesanal por intermédio da relação com a natureza; c) Produções de conhecimentos a partir do compartilhamento no grupo social, conforme a Figura 1.

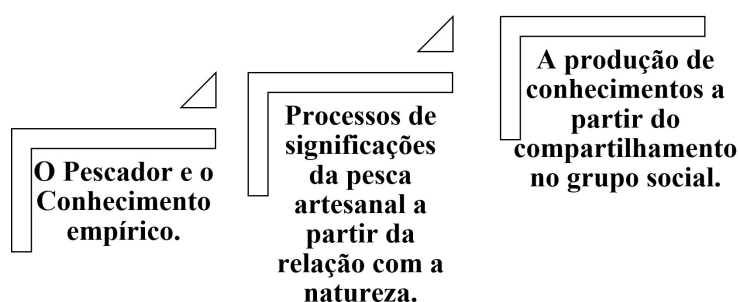


Figura 1. Focos de estudo da Tese e das Dissertações analisadas. Fonte: Autoras, 2024.

Ressalta-se que estes três focos permitem, como dizem Silva e Sousa (2017), compreender as representações utilizadas pelos pesquisadores estudados e os processos de significação linguística. De uma forma geral, pode-se dizer que os pesquisadores analisados apresentam em seus estudos a visão de que o conhecimento construído pelos pesquisadores amazônicos é desenvolvido na ação, ou seja, na atividade da pesca, e comunicam seus saberes com os seus pares. Os conhecimentos nas comunidades estudadas são constituidores da cultura amazônica, estão em conexão com as práticas culturais de seus ancestrais, circulando de forma oral e geracional, mantendo viva suas identidades linguísticas.

[...] a Cultura Amazônica é fortemente representada pela dinâmica expressa pela produção ribeirinha que constrói um imaginário conjugado por suas relações com a natureza, seus mitos, suas produções de utilitários, suas práticas de subsistência e comercialização, seus hábitos diários. (Oliveira, 2012, p. 77).

Os achados das pesquisas reafirmam que os sujeitos amazônicos falam sobre a sua realidade, refletem, escutam e assim aprendem. Sobre isso, Kristeva (1988, p. 15) descreve que [...] quem diz linguagem, diz demarcação, significação e comunicação [...] são tipos de linguagem visto que têm a função de demarcar, de significar, de comunicar.

Na relação de significação, os pesquisadores assumem a compreensão dos sujeitos como cognoscentes, aprendentes na relação com o outro, de forma ativa. Os sujeitos pescadores são produtores e constituidores do conhecimento linguístico na relação com a comunidade. Eles constroem, apropriam-se do vocabulário pelo conhecimento passado entre gerações e pelas relações sociais vividas no território (Freire, 1987).

Os achados nas teses e dissertações amazônicas possibilitaram a identificação e compreensão das significações linguísticas dos pescadores amazônicos, diagnosticando as articulações entre os conhecimentos empíricos, relação com a natureza, relações de trocas e nomeação.

Pescadores e os conhecimentos empíricos

De acordo com Corrêa (2020), os sujeitos pescadores estão envolvidos nas atividades pesqueiras desde muito cedo, considerando que a pesca na Amazônia paraense é uma herança familiar constituída no conhecimento empírico. Dessa forma, o conhecimento empírico estar conectada ao meio social e natural do homem, pois, a partir da relação com a natureza, o sujeito constrói seu modo de vida e as relações estabelecidas e compartilhadas com seu grupo, assim o linguajar dos saberes da pesca é transferido de modo singular por gerações. Nesse sentido, para Oliveira (2012), a cultura do sujeito amazônico é rica pela sua diversidade. As comunidades representam grupos de falas inerentes a cada repertório de conhecimentos e práticas de seu povo. Existe uma relação do saber social linguístico atribuída pelo conhecimento empírico da pesca artesanal, são propulsores para empoderamento de outros conhecimentos: econômico, político, sociocultural e identitário. A língua é deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem, nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho, reduz-se à criação espiritual do indivíduo [...] (Bakhtin, 2003, p. 270). A construção do conhecimento empírico pelos pescadores revela identidades de sujeitos protagonistas, que representam suas significações linguística permeadas pelo tempo, espaço e herança familiar. A linguagem empírica tem permitido a constituição da significação destes sujeitos e dos saberes que ocorrem dentro desse coletivo, construída pela relação direta entre o diálogo e a ação. Desse modo, os artefatos e saberes da pesca ganham sentido a partir da significação do sujeito, que representa a nomeação sociocultural inerente ao seu grupo. Segundo Moraes (2011), o homem é fazedor de cultura a partir das habilidades linguísticas. Os sujeitos produzem, significam, socializam e organizam conhecimentos próprios, reafirmando a transmissão de conhecimento de geração a geração, que se produz e reproduz em cada indivíduo. São heranças de valores tradicionais, não só de produtos de ações humanas, mas do resultado de novas ações significadas pelas dinâmicas próprias condicionadas no tempo e território. O repertório de conhecimento do sujeito representa o significado e modo de vida traduzidos pelas culturas; maneiras próprias de vida, de sobrevivência e transcendência. A cultura da pesca também é empírica e evidencia a cultura do ser, estar, saber e fazer. Na pesca artesanal amazônica, os grupos são traduzidos pela linguagem que caracteriza os sujeitos (Gusmão, 2012). O estudo aponta conceitos pertinentes por refletir conhecimento e práticas produtivas do pescador nas produções amazônicas, conhecimentos que preservam memórias, costumes e valores de grupos de falantes locais, em sua maioria pescadores, de identidades nem sempre conhecidas. As linguagens de tradição, partilhadas entre grupos, preservam conhecimento histórico da origem da linguagem que está viva entre gerações, valorizando vocabulário, léxico, linguagens, falas e todas as formas de expressão, de acordo com Kristeva (1988). Linguagem pesqueira dos ecossistemas, das águas e florestas, conhecimentos tão importantes que precisam ser preservados e valorizados.

O processo de significação da pesca artesanal a partir da relação com a natureza

Na visão de Silva (2009), os sujeitos das águas e das florestas possuem uma relação autêntica com os ecossistemas, um sistema de valor único de apropriação, formas de cuidar e cultivar típicas dos sujeitos amazônicos, ou seja, modos de vidas indissociáveis da cultura. O mar, território do pescador, é marcado, significado e defendido.

Segundo Fromkin e Rodman (1993), a linguagem é uma referência de poder na vida daqueles que dominam e utilizam para significar sua vida, suas práticas e identidade. O conhecimento sobre o espaço natural marítimo é comum entre os grupos de pescadores. São conhecimentos construídos pela linguagem na relação com a natureza e incorporados pela tradição e valores. O modo de vida do sujeito pescador em seu meio natural diz muito sobre a pesca artesanal amazônica paraense, carrega conhecimentos simbólicos que representam a relação entre as práticas de nomeação e apropriação dos artefatos pesqueiros. A relação natural de significação da arte da pesca é representada pelo conhecimento linguísticos na nomeação das ferramentas de trabalho próprias do pescador amazônico. Assim;

É preciso notar que a natureza é um componente importante a ser considerado, principalmente no que diz respeito à sua diversidade e quando se trata da compreensão do modo de vida e da identidade das populações ribeirinhas. Existe um elo entre estas populações e os ecossistemas, pois é nesta relação com a natureza que as populações tradicionais constroem todo seu modo de vida a partir de um conhecimento empírico, que é transferido por gerações (Corrêa, 2020, p. 15).

Assim, ocorre a apropriação do indivíduo cognoscente, nas interações com ecossistemas que são perpassadas entre os sujeitos e suas relações em grupo, despertando consciência sobre si, o mundo e da sua existência (Neves, 2021). “É nas circunstâncias permitidas pelas águas que o homem ribeirinho constitui seu modo de vida. Uma constituição embebida de fatos derivadas de suas relações com meio [...]” (Oliveira, 2012, p. 80).

Desse modo, a cultura é codificada pela prática dos pescadores e a significação do processo. A relação sociedade-natureza é sempre uma relação cultural, pois envolve hábitos e práticas situadas em uma escala de valores. O valor da pesca (artesanal) para a sociedade está diretamente ligado ao contexto histórico, político e social (Silva, 2009, p. 151). Com isso, os pescadores artesanais apropriam-se a partir de suas relações vividas e dos significados linguísticos atribuídos na relação com águas e florestas, termos e sentidos construídos que ganham vidas no tempo e no espaço pelos sujeitos.

Produção de conhecimentos a partir do compartilhamento no grupo social

O sujeito interage e nomeia para se humanizar. A aprendizagem pelas trocas sociais ressignifica o homem, pois se aprende na interação com outro, no diálogo com outro, na experimentação dele com o conhecimento do outro (Freire, 1987). Com isso, os trabalhos analisados retratam para a pesquisa as significações que os sujeitos atribuem ao seu processo linguístico e aos seus conhecimentos culturais. Relatos e memórias que expressam a construção e reconstrução de suas identidades amazônicas e suas próprias implicações (Moraes, 2011).

As relações de trocas humanas geram processos de significação compartilhados no tempo e no espaço, valores culturais socializados, estabelecidos em crenças e costumes dos grupos pesqueiros (Diegues, 2004). Neves (2021) estabelece que na visão Freiriana o sujeito cognoscente seja constituído por suas linguagens e interações sociais, por significar sua experiência e existência a partir do outro. A produção do conhecimento pelos processos dialógicos ocorre pelas relações sociais compartilhadas em grupo. O sujeito, visto como produtor do conhecimento, cria, dialoga, produz, reproduz e compartilha seu conhecimento com o outro. Edifica-se e se humaniza por meio da relação dialógica compartilhada.

Nessa perspectiva, o sujeito transcende e respira cultura, em um movimento de afirmações, histórias e memórias que são atravessadas pelas relações sociais estabelecidas entre os grupos. Uma relação emancipatória de construção e significação linguística: por meio da indagação, ressignificação e ação transformadora (Silva; Sousa, 2017). As trocas sociais de nomeações entre os grupos ocorrem quando o sujeito se propõe a conhecer, experimentar e apresentar seus sentidos. Ou seja, a significação é um ato consciente dos sujeitos pescadores curiosos que ensinam e aprendem nas trocas. É plausível afirmar que o conhecimento surgiu da necessidade humana de conhecer e suprir suas necessidades sociais (Fromkin; Rodman, 1993).

Ademais, o diálogo é um elemento social e cultural que ocorre no processo de significação, uma relação de pronunciamento mediatizada pela troca com outro. O diálogo é uma condição da experiência do agir e refletir representado pelo processo linguístico (Moraes, 2011). A linguagem é associada do diálogo, traduzem-se como ferramenta emancipatória de comunicação e

enunciação, que geram pensamentos críticos, representados pelo conhecimento de tradição. As Relações sociais compartilhadas em grupo são formadoras de conhecimentos que se concretizam nas diversidades, nas afirmações socioculturais, na dialogicidade e na coletividade (Neves, 2021). O sujeito, na significação do outro, constrói sentindo sobre si, o outro e sua realidade. Um ser social que busca ser através de suas relações, ou seja, os grupos sociais têm valores legitimados primordiais nas relações de trocas.

Entre saberes e dizeres: as formas de se constituir pescador Amazônico

A linguagem pesqueira representa uma tradição oral preservada pelas dinâmicas sociais locais, determinada pelas territorialidades e suas relações sociais e econômicas articuladas ao ecossistema. Assim, o pescador é representado pelo seu vocabulário linguístico e cultural que tem origem nos territórios pesqueiros, são influenciados pelos léxicos próprios determinados na constituição linguística dos falantes (Gusmão, 2012).

A relação do sujeito com o sistema pesqueiro é composta por diferentes práticas interrelacionadas, que envolvem inúmeros saberes: aquático, produção para captura, manejo, relações de trabalho estabelecidas, força da mão de obra e meios de produções de conhecimentos constituem uma linguagem própria do sujeito amazônico (Moraes, 2011). Cada espaço exige léxicos peculiares: de tempo, ambientes. Assim, artefatos como rede e outros instrumentos, podem ser utilizados na pesca, captura do caranguejo ou de mariscos. De acordo com Araújo (2020), é por meio dos saberes e linguagens da pesca que os sujeitos constituem suas identidades linguísticas. Por trás de cada significação, existe uma gama de conhecimento construída de modo muito particular pelos grupos e famílias nos contextos amazônicos.

Nas produções estudadas, a pesca artesanal é praticada por muitas comunidades, ela representa um subsistema pesqueiro repleto de diversidades na composição de seu vocabulário dos saberes, articulado a essa profissão. Segundo Gusmão (2012), as condições de trabalho ligadas ao cotidiano dos sujeitos são as principais formadoras de léxico, atribuindo sentido e manifestações nas trocas compartilhadas entre os grupos. Isso implica dizer que, nas práticas da pesca amazônica paraense, há diversidades de ecossistemas que demandam diversos tipos de pescas, manejo e linguagens.

Soares (2017) descreve como: conhecimentos, práticas produtivas e significações variadas que envolvem técnicas, instrumentos, classificação e diferenciação em relação às espécies capturadas, constituindo vocabulários e práticas culturais próprios dos povos amazônicos, delimitados por fatores; territoriais, sociais, culturais, econômicos, climáticos e históricos, como é possível analisar no **Quadro 2**.

As práticas e os saberes produtivos diversos, organizados no **Quadro 2**, destacam diferentes linguagens técnicas e tradicionais dos saberes da pesca artesanal, possuem uma multiplicidade de conhecimentos e diversidades linguísticas culturais construídas pelas populações amazônicas.

Ressalta-se que a pesca é praticada em grande proporção na Amazônia Paraense. O **Quadro 2** destaca que as práticas pesqueiras exigem desses sujeitos conhecimentos sociais específicos, constituídos pela linguagem de significação de: peixes, habitats, época de reprodução, nomes dos artefatos, horários das marés e a utilização correta dos instrumentos. Assim, o sujeito é constituído a partir de suas práticas e do processo linguístico (Silva, 2009), e as diferenças de significação linguística das populações e de suas culturas demarcam sua identidade cultural em cada território (Silva; Sousa: 2017).

Gusmão (2012) acrescenta que esses conhecimentos expressos pelos vocabulários são passados de geração a geração, podem ser subentendidos como saberes de tradição, herança cultural, os quais são readaptados e considerados de acordo com as práticas e costumes das comunidades. Com isso, é possível compreender que:

As artes de pesca são todos os instrumentos ou métodos que permitem a captura de peixe, molusco ou crustáceo. Esses instrumentos ou métodos de trabalho da pesca são referências e estão carregados de significados – econômico, cultural e artístico – que, na história vivida das comunidades pesqueiras, marcam e tipificam os espaços da pesca. (Silva, 2009, p. 156).

Quadro 2. Vocabulário da pesca: instrumentos, técnicas e saberes amazônicos.

ARTEFATOS E TÉCNICAS DA PESCA AMAZÔNICA: NORDESTE PARAENSE, SOARES (2017)	
Pesca artesanal: um conhecimento tradicional	Simboliza apropriação cultural, constituída nas relações sociais entre os sujeitos e sua prática, é permeada por baixa tecnologia, incorporada por múltiplas práticas e conhecimentos linguísticos, que significa a pesca; possui peculiaridades regionais específicas de cada grupo, uma ação de produção, reprodução no campo das águas e florestas.
Pesca com redes	Na região amazônica, a pesca com redes já passou por diversos aprimoramentos. Atualmente o uso comum faz-se as redes de pesca de fios de plásticos, ou náilon; os entralhos são feitos de cordas; os peixes ficam presos na malha. O tamanho e espessura dessa ferramenta são classificados pelos pescadores para os diferentes tipos de peixes.
Rabiadeira	É um tipo de rede de pesca utilizada para captura de diferentes peixes; Corvina, Bandeirado, Serra, Pescada. Convencionada com a panagem de malha. A duração média da técnica é de uma semana, a ser definida pelo pescador. São necessários conhecimentos específicos para fixar rede na croa para malhar os peixes que passam no local.
Serreira	É uma rede própria para a pesca do Serra. Os pescadores utilizam para fazer rabiadeiras com panagem. Modo de uso é a deriva no mar.
Sardineira	Específica para capturar sardinha; uma rede de malha com espessura de fio pequena. A técnica é utilizada à deriva, é influenciada pelas condições do ecossistema que define seu uso, no entanto, cada sujeito aplica seus conhecimentos e habilidades.
Camaroeira	Uma rede utilizada de modo arrastão para capturar camarão, podendo ainda pegar a Tainha. Exige conhecimentos para formação do semicírculo da rede, são necessários no mínimo dois pecadores, praticada em sua grande maioria por famílias, cada um tem um papel no processo para realização.
Tainheira	É uma rede de malha de fio, conhecida também como zero 30. É específica para a captura de Tainha. Em razão do seu tamanho, pode laçar outras espécies de peixes. A Tainha, por ser um peixe difícil de ser capturado, os pescadores entralham tal rede com grilon.
Caiqueira	Uma rede entalhada com grilon para dificultar sua visualização, seu foco é a Caíca e outros peixes pequenos que fiquem malhados. Os pescadores utilizam essa rede de duas formas: lanceando ou estacada, ambos os modos requerem técnicas e conhecimentos diferentes.
Gozeira	O objetivo desta rede é pescar a Gó; a abertura da malha pode variar. O entralho pelo pescador é arranjado com corda sintética, a rede fica à deriva, em que uma ponta de rede se encontra na canoa e outra na correnteza seguindo seu movimento.
Pescadeira	Conhecida como malhadeira, essa rede é feita com fio de náilon pelos próprios sujeitos pescadores. Uma malha grande usada para capturar a pescada à deriva ou estancada.
Tarrafa	Uma rede de emalhar com características circular e com um chicote para o pescador segurar enquanto os peixes são emalhados. Possui um entralho para posicionar o chumbo e bolsos para fisgar o peixe. Esta rede é lançada ao mar ou alocada em emburateuas (com muitos paus no fundo); em ambos os espaços, exige-se conhecimentos específicos.
Puçá	Uma rede pequena com formato cônico. Os próprios pescadores tecem em razão de sua forma diferente. É utilizada por dois pescadores na beira mar, cada um segurando de cada lado, arrastando a rede para o fundo do mar. Utilizada para capturar camarão, pescando também neste processo a Uricica.
Pesca com armadilhas	Existem dois tipos de armadilhas: as móveis (o munzuá) e as fixas, que são os currais. Ambas exigem conhecimentos e habilidades peculiares.
Pesca com munzuá	Munzuá tem um formato de cilindro construído estrategicamente pelos pescadores; o material da confecção é talas de bambu. É utilizado para a captura de Bagre, posicionado em emburateuas.

Fonte: Soares (2017), Gusmão (2012), Corrêa (2020), Oliveira (2012), Morais (2011), organizado pelas Autoras, 2024.

Quadro 2. Continuação...

ARTEFATOS E TÉCNICAS DA PESCA AMAZÔNICA: NORDESTE PARAENSE, SOARES (2017)	
Pesca de curral	O curral é uma armadilha fixa construída no mar, que funciona de acordo com os horários da maré (enchente e vazante). Especificamente na região Nordeste paraense, utiliza-se o curral de enfiar, constituído de madeira de mangue; possui uma abertura em formato V composto por espias; captura uma quantidade maior de peixes por ficar em volume de água maior, pescado durante a vazante da maré.
Pesca com linha	Ao longo da história, a pesca com linha passou por modificações. Antes era utilizada somente a linha sem anzóis; posteriormente, diferentes tipos de anzóis (constituídos de metal, madeira e pedra) surgiram para facilitar a pesca.
Linha de espera	É uma das realidades pesqueira mais conhecida na região amazônica, utilizada em qualquer época do ano, tanto por homens quanto pelas mulheres, inclusive para subsistência familiar, tanto em rios quanto nos mares. Realizada com uma linha amarrada por anzóis e iscas para capturar os peixes, em águas tranquilas sem correnteza.
Pesca de espinhel	Existem diferentes tipos de espinhel. Feito com vários anzóis, um fio reto (filames) é lançado na água, sustentado por uma corda, mas também pode ser utilizado em posição transversal, para capturar peixes tanto em superfície quanto no fundo dos rios. Sua organização pode variar dependendo da localidade.
DIFERENTES TIPOS DE PESCA E SABERES NA AMAZÔNIA PARAENSE, GUSMÃO (2012)	
Pesca com Timbó	Esse tipo de pesca é herança indígena; timbó é uma planta utilizada com barro e colocada em rios e lagos. Uma técnica manual que não agride o meio aquático.
Pesca de Curral	Armadilha usada em marés, feita de fibras de palmeiras e cipós, contendo até 50 metros de comprimento. É preciso conhecimentos e habilidades específicas em sua construção para captura do peixe.
Pesca de Arrasto	Teve início desde 1970; ocorre pelo posicionamento paralelo de barcos. Rede de tipo dinamarquesa ou portuguesa situam-se em áreas onde acontece o encontro da água doce com a salgada, para fregar o bagre e outros peixes; a pesca de arrasto em alguns lugares é considerada quase industrial pelos custos e estrutura.
Pesca de Crustáceos	Essa pesca é constante, durante todo ano, porém dias chuvosos atrapalham a captura de crustáceos. Destaca-se para essa pesca a captura do camarão, pela técnica de muruada, construída por uma fileira de estacas no meio do rio, onde se coloca o puçá. O puçá de arrasto é uma malha fina.
PESCAS AMAZÔNICAS, CORRÊA (2020)	
Piscicultura em tanque escavado	Representa a criação de peixes em viveiros escavados, como uma possibilidade de renda e sustento da família. As principais características dessa pesca são os conhecimentos tradicionais e experiências concretas sobre a atividade pesqueira, pois exigem habilidades para a captura os peixes.
Matapi de garrafa pet	Um instrumento criado de garrafa pet sustentável para capturar camarões grandes em água doce.
Aquicultura	É feita em um espaço controlado, para criação, reprodução e crescimento de diversas espécies aquáticas, peixes e crustáceos.
PESCAS E SUBSISTÊNCIA AMAZÔNICAS REPRESENTADAS POR OLIVEIRA (2012)	
Diferentes formas de subsistência	A produção de farinha, a pesca, a caça e a extração de açaí são as principais fontes de subsistência e comercialização dos grupos sociais amazônicos. O processo produtivo ocorre por meio de encontros e desencontros nas águas, o que gera processos de significações linguísticas diversas. Diferentes modos de vida, nas florestas, nos rios, constituem valores, costumes, práticas, saberes e linguagens.
Horticultura	Contextualização agrícola com a cultura local, produção, plantio e pesca.
NOMEAÇÃO E SABERES AMAZÔNICOS, MORAIS (2011)	
Processos de nomeação dos povos amazônicos	No contexto amazônico pesqueiro, a cultura é percebida com uma forte influência para o processo de nomeação das pessoas, dos objetos, dos instrumentos e técnicas de pescas. Os nomes constroem sentidos e significados como forma de representação simbólica da vida social do sujeito. Representação da vivência do cotidiano, sentido social do lugar, dos saberes, da cultura e da realidade amazônica. Caminhos de construção e reconstituição que ocorrem a partir da pesca artesanal em mares, lagos e rios, praticadas e significadas todos os dias pelos sujeitos amazônicos.
Fonte: Soares (2017), Gusmão (2012), Corrêa (2020), Oliveira (2012), Morais (2011), organizado pelas Autoras, 2024.	

Partimos da premissa de que os processos de constituição linguística dos pescadores amazônicos não podem ser considerados sobre visões reducionistas e homogeneizadoras. Os sujeitos amazônicos detêm de um vocabulário próprio de saberes linguísticos pesqueiros, influenciados pelas dinâmicas lexicais cotidianas dos falantes. Esses sujeitos se manifestam nos espaços com sua prática humana de significação, que expressam suas cotidianidades, simbolizando os sentidos e significados atribuídos por eles, ou seja, as linguagens são fundamentadas por suas identidades, culturas e saberes específicos de seu povo.

Sabemos que toda língua reflete as condições da sociedade e do círculo cultural em que se fala, sendo assim, a cultura amazônica, também, apresenta expressões para conceitos e representações que o falante apreende em consequência da necessidade de expressá-los por meio de signos e símbolos linguísticos. (Gusmão, 2012, p. 20).

Nesta direção, para Silva (2009), a significação da cultura representa a identidade do sujeito, dando sentido a sua construção linguística no espaço, representadas nos territórios linguísticos que se manifestam como unidade social e identitária dos conhecimentos culturais produtivos. A atividade pesqueira é propulsora de significação do sujeito, que também detém de maneiras próprias para linguajar suas crenças, lendas, mitos, manutenção dos signos tradicionais próprios das comunidades pesqueiras.

Desse modo, reafirmamos que a análise bibliográfica das significações linguísticas a partir dos conhecimentos e práticas pesqueiras representou um estudo natural e holístico, acessando a construção diversa do processo linguístico pesqueiro amazônico Paraense. As significações e os conhecimentos sociais que surgem nas produções carregam os significados da interação em grupo, o conhecimento empírico e a relação com as águas e florestas. Os sujeitos pescadores, por meio de seus conhecimentos práticos, reafirmam a significação, construção e diversidades linguística da pesca artesanal amazônica (Silva; Sousa, 2017).

CONCLUSÃO

A compreensão do processo de significação dos saberes a partir do conhecimento e práticas produtivas pesqueira amazônica demonstra o modo muito singular que esses sujeitos dão sentido aos seus conhecimentos e se apropriam da significação cultural. São linguagens orientadas pelos saberes, histórias, memórias, práticas culturais, atividades pesqueiras, narradas e perpassadas por gerações entre grupos e famílias. Conhecimentos que representam e atravessam a identidade, a linguagem, vocabulário, modos e formas de se comunicar dos sujeitos pescadores.

Diante disso, a pesquisa buscou demonstrar as significações dos sujeitos pescadores, contribuindo para reflexões pertinentes dos processos linguísticos que impulsionam a identidade do próprio sujeito. É a linguagem como prática libertadora, afirmando culturas e formas únicas de interação com o meio social e ambiental. A relação do pescador com os ecossistemas enfatiza ações transformadoras e desenvolvimento social, indenitário e linguístico; o sujeito pescador amazônico paraense não desafia a natureza, ele faz parte dela, visto que não é no silêncio que os homens se fazem, mas nos ensinamentos, no trabalho, na ação e na reflexão constante. Em suma, o artigo destaca que o conhecimento tradicional expressado pelo pescador amazônico é único, singular, rico e diverso. A ação de nomeação com a natureza e relações compartilhadas entre grupos representam fundamentos para significação da linguagem dos pescadores artesanais amazônicos.

Uma das maiores significações da linguagem amazônica paraense são as produções e reproduções dos sujeitos; relação social com águas e florestas, mitos, lendas, artefatos culturais, práticas de subsistência, comercialização, hábitos, crenças e músicas. Ações e manifestações que são narradas e ganham vida pelo conhecimento e práticas de significação.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a todos os professores do Educapesca.

REFERÊNCIAS

- Araújo, A. A. **Saberes culturais da pesca artesanal na Amazônia ribeirinha de Vigia de Nazaré/PA**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.
- Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 307-336.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- Correa, E. A. *Às margens da cidade: trajetórias, possibilidades e práticas de educação ambiental geradas pela Casa Escola da Pesca em Belém-PA*. 2020. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.
- Diegues, A. C. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: Núcleo de Apoio à pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.
- Ferreira, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.
- Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Fromkin, V.; Rodman, R. *Introdução à Linguagem*. Coimbra: Livraria Almeida Coimbra, 1993.
- Gusmão, E. A. **Estudo lexical do patrimônio linguístico-cultural de Curuçá-Pa: vocábulos de pesca**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2012.
- KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1988. cap. 3, p. 32-57.
- MEGGERS, B. J. **Amazônia - Ailusão de um paraíso**. Tradução Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- Morais, R. P. **Rituais Nominativos: uma viagem pelos motivos e sentidos que emergem dos nomes dos barcos dos ribeirinhos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.
- Neves, J. A. V. O pensamento freireano e o desafio e o desafio das diversidades socioculturais e as práticas educativas. In: VASCONCELOS, M. L. C.; BRITO, R. P. (org.). **Presença e atualidade do pensamento freireano vozes brasileira em diálogos**. São Paulo: LiberArs, 2021. v. 2, p. 135-148.
- Oliveira, J. S. B. **Alfabetização matemática no contexto ribeirinho: um olhar sobre as classes multisseriadas da realidade amazônica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, BÉlem, 2012.
- ROOSEVELT, A. C. *et al.* **Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in Brazilian Amazon**. Science, New York, v. 254, p. 1621-1624, 1991. PMID: 17782213. DOI: <http://dx.doi.org/10.1126/science.254.5038.1621>.
- Silva, A. F. Pesca Artesanal: seu significado cultural. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 142-159, 2009.
- Silva, P. C. G.; Sousa, A. P. S. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 3, p. 260-285, set./dez. 2017.
- Soares, J. L. **Os termos da pesca na vila dos pescadores de Ajuruteua (Bragança-PA): uma abordagem socioterminológica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2017.

Contribuições dos autores

Ambas as autoras trabalharam juntas em todo processo de pesquisa e organização do artigo; investigação teórica, análise e coleta do material. JAVN: contribuição assíduas na escrita das reflexões teóricas introdutórias e resultados. EWSS: contribuição na coleta dos dados e análise e escrita dos resultados.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Executivo para América Latina: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira